SJB SELECTION

CRÍTICA · BLUES

When My Train Pulls In | Gary Clark Jr.

SJB SELECTION · OUTUBRO DE 2026

O blues sempre teve um fraco por encruzilhadas.

Robert Johnson tinha uma estrada para escolher.

Gary Clark Jr. tem um comboio para apanhar.

A diferença pode parecer pequena... mas atravessa quase um século de blues.

Clark cresceu em Austin, perto o suficiente da fonte para ainda lhe sentir o cheiro. Aos quinze anos já subia ao palco do Antone's com homens como Hubert Sumlin, Pinetop Perkins e James Cotton. Mais tarde chamaria a esse clube a sua "base".

Chega de biografia.

A guitarra... conta o resto.

When My Train Pulls In começa como uma porta a bater.

O riff não caminha. Chocalha pelos carris.

O baixo e a bateria assentam os carris, e Clark passa por cima deles com uma guitarra que soa como se tivesse areia nas engrenagens. O som é enorme, granuloso, saturado. Não tem o brilho polido do blues atrás de um vidro.

Tem ferrugem debaixo das unhas.

E é aqui que o equipamento conta.

Clark fez da Epiphone Casino um dos seus instrumentos essenciais. Já falou do seu amor pelos P-90, pelo peso leve e pelo corpo totalmente oco, e do fascínio pelos grandes sons semiacústicos de Otis Rush, Freddie King e B.B. King. Várias reconstruções do seu equipamento em *Blak and Blu* apontam para a

Casino e para amplificadores Fender Vibro-King e Vibroverb, com o Vibro-King associado especificamente a *When My Train Pulls In*.

Uma reconstrução detalhada do som do solo liga também a gravação a um fuzz Analog Man Astro Tone, a um overdrive King of Tone e a um Teese Real McCoy Custom Wah. É uma reconstrução técnica, não uma ficha oficial da sessão, por isso o melhor é tomá-la como um retrato credível da arquitetura do som... e não como verdade absoluta.

E, na verdade, basta ouvir.

O fuzz não veste a nota.

Esfola-a viva.

O overdrive incha-a; o wah muda-lhe a expressão do rosto. A Casino, oca e nervosa, soa sempre a um sopro de se revoltar contra o amplificador.

É uma guitarra com a trela curta.

Clark dobra as cordas como ferro em brasa. O vibrato dele não decora: arrepia-se. As frases começam, quebram-se, recomeçam.

Às vezes deixa uma nota suspensa como uma lâmpada nua a balançar numa estação vazia.

Depois, silêncio.

Clark sabe exatamente o que fazer com ele.

Porque no blues o espaço vazio pode pesar mais do que vinte notas.

O fantasma inevitável é Jimi Hendrix. A Relix descreveu *When My Train Pulls In* como rock-blues à Hendrix. Mas Clark não parece interessado em desenterrar Hendrix outra vez.

Faz algo mais interessante.

Pega no vocabulário dos mortos... e fala-o com o sotaque dos vivos.

Fuzz, feedback, soul, rock, blues.

Ferro, fumo e frequências.

O blues deixa de ser uma fotografia a preto e branco, e volta a cheirar a eletricidade a arder.

E é aqui que o comboio encontra a encruzilhada.

Doyle Bramhall II apresenta Clark a Eric Clapton. Clapton convida-o para o Crossroads Guitar Festival de 2010, onde a sua interpretação de *Bright Lights* ajuda a abrir a porta a um público maior e à atenção da

Warner Bros. Records.

Crossroads.

A encruzilhada.

Uma coincidência quase boa demais para ser verdade.

O velho blues chegava à encruzilhada para escolher uma estrada.

Clark chega com outro problema: o que fazer com todo o blues que herdou?

Imitá-lo seria fácil.

Preservá-lo seria respeitoso.

Clark prefere voltar a pô-lo nos carris.

É por isso que *When My Train Pulls In* parece mais do que uma canção sobre querer partir. A letra fala de estar preso, de más notícias, de frustração e da necessidade de apanhar o próximo comboio e seguir em frente.

Mas a guitarra já está a contar a história da viagem.

É locomotiva e locomoção.

Ruge, raspa, e rola.

Acelera... Trava.

Sopra fuzz do amplificador como fumo de uma chaminé.

E Clark não soa a um homem à espera, com paciência, na estação.

Soa a alguém que já ouve o comboio ao longe, e já pegou na guitarra e na mala.

Robert Johnson tinha a encruzilhada.

Gary Clark Jr. tem os carris.

> ***O blues continua a ser a mesma viagem. Só mudou o meio de transporte.***